

## **AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA: Reterritorialização de vítimas do conflito armado e de camponeses em Bogotá - Colômbia**

## **AGRICULTURA URBANA Y PERIURBANA: Reterritorialización de víctimas del conflicto armado y campesinos en Bogotá - Colombia**

**Michael Cruz Roa**

Universidade Federal do Paraná  
cruzrmichael@gmail.com

**Valdir Frigo Denardin**

Universidade Federal do Paraná  
valdirfd@yahoo.com.br

**Mayra Taiza Sulzbach**

Universidade Federal do Paraná  
mayrasulzbach@yahoo.com.br

### **Resumo**

O conflito interno que vive a Colômbia desde metade do século XX tem mobilizado diferentes atores armados como guerrilhas de extrema esquerda, grupos paramilitares, bando de criminosos, entre outros, pela ocupação de terras e apropriação das rotas de narcotráfico. A violência gerada contra a população civil fez com que mais de 8 milhões de pessoas fossem deslocadas do meio rural para as cidades, como Bogotá. Também, a desigualdade socioeconômica do campo intensificou o processo de migração rural-urbana de camponeses. O objetivo do artigo foi evidenciar o papel da agricultura urbana e periurbana (AUP) no processo de reterritorialização de vítimas do conflito armado e camponeses que viveram a mobilidade espacial rural-urbana. Para tal, realizou-se uma revisão bibliográfica de pesquisas realizadas entre os anos 2009 e 2019, e que abordaram o tema hortas urbanas cultivadas por vítimas do conflito e/ou camponeses que migraram à capital da Colômbia. Analisaram-se os resultados de 15 pesquisas, e entre os achados destaca-se que as práticas da AUP propiciaram o encontro entre pessoas de diversas regiões da Colômbia e a articulação de vínculos sociais; facilitaram o surgimento de redes sociais e, por último, permitiram o resgate de memórias, narrativas e saberes das comunidades.

**Palavras-chave:** Migração. Cidades. Periferia urbana. Hortas urbanas. Território.

### **Resumen**

El conflicto interno que vive Colombia desde mediados del siglo XX ha movilizado diferentes grupos armados como guerrillas de extrema izquierda, paramilitares, bandas criminales, entre otros, por la acumulación de tierras y el dominio de rutas de narcotráfico. La violencia generada contra la población civil generó el desplazamiento forzado de más de 8 millones de personas del medio rural para ciudades como Bogotá. A ese fenómeno

se le sumó la desigualdad socioeconómica del campo que intensificó la migración rural-urbana de campesinos. En ese escenario, el objetivo del artículo fue evidenciar el papel de la agricultura urbana y periurbana (AUP) en el proceso de reterritorialización de Bogotá vivido por víctimas del conflicto armado y campesinos(as). Para ello se realizó una revisión bibliográfica de investigaciones adelantadas entre 2009 y 2019, que abordaron el tema de huertas urbanas cultivadas en la capital del país por víctimas del conflicto y/o por campesinos. Se analizaron los resultados de 15 estudios y entre los resultados se destacó que la práctica de AUP propició el encuentro de personas de diferentes regiones del país y la formación de vínculos; facilitó el surgimiento de redes sociales y, por último, permitió el rescate de memorias y saberes de las comunidades.

**Palabras clave:** Migración. Ciudades. Periferia urbana. Huertas urbanas. Territorio.

## **Introdução**

No conflito armado interno que vive a Colômbia desde metade do século XX, o Estado enfrenta diferentes atores ilegais, tais como guerrilhas de extrema esquerda, grupos paramilitares que tiveram vínculo com a classe política da direita colombiana, carteis de narcotráfico, entre outros (BUSHNELL, 1996). Por trás dos conflitos, há uma luta pelo controle do território para produção de drogas, assim como concentração de terras (RUIZ, 2007), o que levou o país a uma constante luta interna (SERJE, 2011).

Um dos efeitos mais evidentes desse conflito foi a migração forçada da população que morava no meio rural. Entre os anos 1950 e 2018, registraram-se mais de 8.130.704 colombianos(as) deslocados(as) (UNIDAD DE VÍCTIMAS DE COLOMBIA, 2019) do meio rural para espaços urbanos, população identificada no texto como vítimas do conflito armado. Por outro lado, a migração interna também foi vivida por camponeses que agenciaram sua mobilidade rural-urbana por condições estruturais da realidade colombiana: desigualdade socioeconômica, falta de oportunidades no campo, procura de segurança, entre outros.

Essas populações deslocaram-se para as principais cidades da Colômbia, entre elas Bogotá, capital do país, onde moram mais de 7,8 milhões de pessoas (DANE, 2018), das quais 354.633 são reconhecidas como vítimas do conflito armado (ALTA CONSEJERÍA PARA LAS VÍCTIMAS, 2020). As populações ocuparam, principalmente, os espaços de periferia da cidade como as bordas sul, sudeste, sudoeste e noroeste (VARGAS; RUIZ, 2015; GOMEZ-LEE; BURQ, 2018), a um ritmo que os encarregados do planejamento e a gestão da cidade não conseguiram responder com infraestrutura (TORRES, 2009). Beuf (2012) destaca que essas dinâmicas de ocupação

do solo deram origem à chamada cidade informal, que crescia em paralelo à cidade formal.

Nesse processo de mobilidade e habitação da cidade tem-se presenciado o desenvolvimento da agricultura urbana e periurbana (doravante AUP), através de hortas comunitárias nas margens de rios e riachos, ou de hortas no interior das moradias, sejam em jardins, terraços ou pátios, o que permitiu inferir um processo de reterritorialização das populações em Bogotá. Por essa razão, o objetivo da pesquisa foi evidenciar o papel da AUP no processo de reterritorialização de vítimas do conflito armado e/ou de camponeses que vivenciaram a mobilidade espacial rural-urbana.

Tem-se em conta que, segundo Santos (1998), o território é uma produção a partir da apropriação do espaço banal onde apresentam-se horizontalidades (relações contíguas e solidárias) e verticalidades (imposições do mercado). Para Raffestin (1993, p. 8) nesse processo de apropriação manifestam-se diversas “relações de poder que se traduzem por malhas, redes e centralidades cuja permanência é variável”. Assim:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Para Saquet (2009, p. 82) no território há: a) relações de poder; b) construção histórica e relacional de identidades; e c) movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (TDR). Nele o ator sintagmático agencia a territorialidade, que é “a tentativa de um indivíduo ou grupo para controlar, influenciar ou afetar objetos, pessoas e relações numa área delimitada (território)” (SAQUET, 2009, p. 86). As territorialidades, segundo Saquet (2018), “estão sempre presentes e significam conflitos, contradições, luta de classes (relações de poder: alteridade e exterioridade), disputas territoriais” (p. 486), porque nelas expressam-se múltiplos poderes e sujeitos.

No contexto de Bogotá, a agricultura urbana e periurbana se constitui numa materialidade de manifestações de sujeitos; manifestações que podem ser resultado da mobilidade rural-urbana, onde se expressam múltiplas territorialidades. Para isso, tem-se em conta a descrição da AUP feita por Smit, Ratta e Nasr (1996), sendo:

Uma indústria localizada dentro (intra-urbana) ou na periferia (periurbana) de uma cidade ou metrópole onde cresce, se processa e se distribui uma diversidade de alimentos e produtos não-alimentares, (re)usando amplamente

recursos humanos e materiais, produtos e serviços encontrados nessa área urbana e, por sua vez, retribuindo-os amplamente para essa área urbana<sup>1</sup>. (SMIT; RATTA; NASR, 1996, p. 3, *tradução nossa*).

Problematizando o conceito de AUP, Mougeot (2000) expõe que ela não procura concorrer com a agricultura rural (AR). Pelo contrário, articula-se a essa. Segundo o autor, a diferença está na interação que a AUP faz com o eco-sistema urbano (local onde se desenvolve) e sua retribuição a ele.

Esses elementos deram o suporte para fazer uma revisão sistemática de literatura das produções acadêmicas relacionadas a Bogotá, e que articularam a agricultura urbana, as vítimas do conflito, os camponeses e o espaço urbano, e que ora se apresenta os resultados desta.

### **Apontamentos Metodológicos**

A pesquisa bibliográfica, também conhecida como pesquisa de fontes secundárias, “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo [...] Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 71). Ela segue, no mínimo, oito fases: a) escolha do tema, b) elaboração do plano de trabalho, c) identificação, d) localização, e) compilação, f) fichamento, g) análise e interpretação, e h) redação (MARCONI; LAKATOS, 2002; 2006).

Como o tema central de revisão foi definido em: “o papel da agricultura urbana e periurbana no processo de reterritorialização vivenciado por vítimas do conflito armado e/ou camponeses em Bogotá”, a estratégia de pesquisa correlacionou quatro palavras chaves: agricultura urbana, *huertas*, Bogotá e *víctimas del conflicto*. Assim, os critérios de inclusão e seleção de documentos nas bases de dados Google Acadêmico, Redalyc, Portal de Periódicos Capes/MEC, *Biblioteca Universidad Nacional de Colombia*, Scielo e Directory of Open Access Journals (Doaj) foram: i) publicação acadêmica: dissertação, tese, artigo de periódico, capítulo de livro, etc.; ii) tempo de pesquisa: entre 2009 e 2019; e iii) língua: Espanhol, aceitando-se resultados em português ou inglês.

---

<sup>1</sup> *Urban Agriculture “is an industry located within (intra-urban) or on the fringe (peri-urban) of a town, a city or a metropolis, which grows or raises, processes and distributes a diversity of food and non-food products, (re-)using largely human and material resources, products and services found in and around that urban area, and in turn supplying human and material resources, products and services largely to that urban area”* (SMIT; RATTA; NASR, 1996, p. 3).

Observou-se que as bases de dados Portal de Periódicos Capes/MEC, *Biblioteca Universidad Nacional de Colombia*, Scielo e Doaj não ofereceram resultados relevantes à busca pelo qual foram desconsideradas. O Google Acadêmico teve 179 achados, e Redalyc 146. Após a leitura de títulos e resumos, escolheram-se 13 publicações de Google Acadêmico e 2 da Redalyc, que relacionaram ao menos três das quatro palavras chaves.

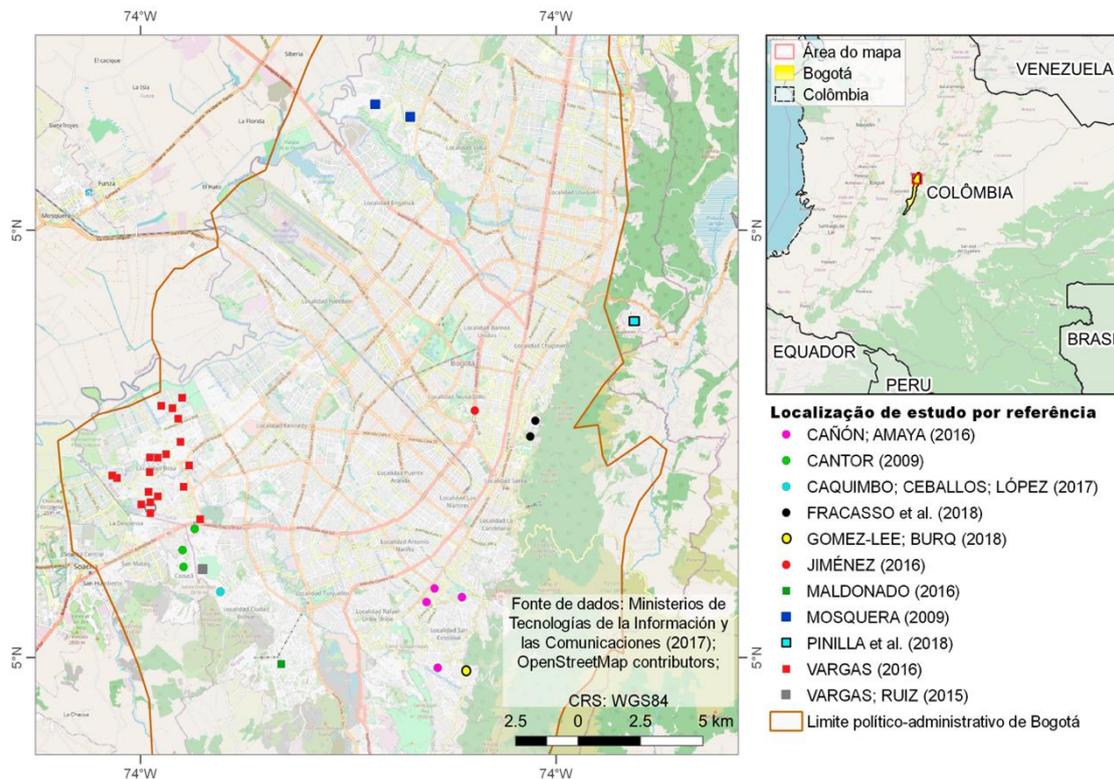
Depois da seleção, as pesquisas foram classificadas numa planilha, onde foram identificadas: (i) referência bibliográfica; (ii) tema central; (iii) descrição do objeto de pesquisa; (iv) metodologia e instrumentos metodológicos; (v) principais resultados; (vi) uma revisão respondendo à questão central da revisão, conforme o recomendado por Randolph (2009).

As publicações coletadas foram: quatro artigos de revistas acadêmicas, dois capítulos de livros e nove dissertações de mestrado, tratadas nas áreas de conhecimento das Ciências Ambientais (42%), das Ciências Políticas (20%), das Ciências Sociais e Humanas (20%) e em outras (18%).

Das 15 pesquisas revisadas, cinco eram estudos de caso; cinco análises qualitativas; duas com metodologias mistas (enfoques qualitativos e quantitativos); uma revisão documental; um mapeamento coletivo e um resultado de ação-participativa.

Entre os estudos, dez tiveram como cenário da pesquisa bairros de periferia da borda sul, sudeste, sudoeste e noroeste de Bogotá, relacionando a AUP e a população de mais baixa renda, entre eles: vítimas do conflito, ex-integrantes de grupos de guerrilhas e paramilitares, camponeses que migraram à cidade procurando melhor qualidade de vida, entre outros. Em uma o cenário da pesquisa foi um bairro do centro da cidade onde reside população de classe média, e outros quatro estudos analisaram aspectos da agricultura urbana em toda Bogotá. No Mapa 1 apresenta-se a distribuição dos locais das pesquisas que tiveram como cenários bairros específicos.

**Mapa 1:** Locais de Pesquisas das Publicações sobre Agricultura Urbana em Bogotá



**Fonte:** CAÑÓN; AMAYA (2016); CANTO (2009); CAQUIMBO; CEBALLOS; LÓPEZ (2017); FRACASSO; GONZÁLEZ; CABANZO (2018); GÓMEZ-LEE; BURQ (2018); JIMÉNEZ (2016); MALDONADO (2016); MOSQUERA (2009); PINILLA ET AL. (2018); VARGAS (2016); VARGAS; RUIZ (2015).

**Org.:** Os autores, 2020.

## **Descrição dos achados**

A revisão de literatura relativa à AUP em Bogotá permite inferir que essa tem relação direta com aquelas famílias vítimas do conflito armado, que chegaram do meio rural desde metade do século XX, e com a população camponesa que migrou à cidade em busca de melhores condições de vida. A AUP aparece na literatura sob a expressão de hortas urbanas, e apresenta relação aos seus impactos socioeconômicos, mas variam dependendo dos casos estudados nos diferentes bairros.

A divisão política-administra de Bogotá é de 20 distritos; para facilitar a apresentação dos resultados esses distritos foram agrupados por regiões (sudeste, sudoeste, norte e noroeste), como se expõe na sequência.

## Reterritorialização na periferia da região sudoeste

Quatro das publicações tiveram como área de estudo os bairros do distrito *Ciudad Bolívar* (CANTOR, 2009; VARGAS; RUIZ, 2015; MALDONADO, 2016; CAQUIMBO; CEBALLOS; LÓPEZ, 2017). Este é um dos três maiores distritos de Bogotá e está localizado no sul da cidade.

Segundo a *Secretaría Distrital de Planeación* (SDP, 2009) a sua extensão é de 12.999 hectares (ha), dos quais 3.391 ha são de solo urbano e 9.608 ha de rural. Seu relevo é montanhoso e foi ocupado, principalmente, por população que migrou das regiões rurais da Colômbia, em duas etapas. A primeira, entre 1940 e 1980, com a instalação de casas subnormais – construídas aos poucos, segundo a capacidade financeira dos moradores – (TORRES, 2009), nas partes baixas e médias dos morros; a segunda, desde 1980, com a ocupação das partes mais altas (SDP, 2009).

Além da população que migrou, *Ciudad Bolívar* também foi ocupada, em menor parte, por famílias de baixa renda que habitavam na capital e que procuravam uma moradia própria mas, como descrito por Torres (2009), a preços mais acessíveis que os praticados na cidade formal. Essa ocupação foi mediada por urbanizadores ilegais que vendiam lotes a baixos preços, sem “condiciones mínimas de urbanización en los barrios de origen informal, tanto de servicios básicos, como de accesibilidad a la ciudad” (TORRES, 2009, p. 107). Assim, foi se conformando parte da periferia de Ciudad Bolívar.

Dados da *Secretaría Distrital de Planeación* (2020) indicam que para o ano 2018, no distrito, viviam 584.655 pessoas. A Figura 1 apresenta uma vista panorâmica da parte baixa desse território.

**Figura 1:** Distrito Ciudad Bolívar



**Fonte:** Os autores, 2017.

Nesse cenário, Cantor (2009) pesquisou a incidência e as percepções da agricultura urbana por parte de 20 moradores do distrito Ciudad Bolívar (Bogotá) e dos bairros Altos de Cazucá e Ciudadela Sucre, no município de Soacha – que faz fronteira com Ciudad Bolívar –. Por ficarem próximos, os dois territórios partilham o histórico de serem ocupados por população que migrou do meio rural.

A pesquisa, de cunho qualitativa, usou entrevistas semi-estruturadas e coleta de relatos orais para identificar as percepções sobre a AUP. Entre as pessoas entrevistadas por Cantor (2009), nove eram reconhecidas como vítimas do conflito armado e as outras 11 tinham morado no meio rural antes de sua chegada a Bogotá. Nos resultados, assegurou que os participantes enalteciam os vínculos criados em seus povoados de origem, indicando que lá existiam relações de solidariedade: “Los vecinos se conocen, se colaboran y hay generosidad, hay préstamo de jornales, intercambio de productos, apoyos frente a problemas de salud. En la ciudad, el nivel de confianza disminuye, por ello no es fácil hacerse favores” (CANTOR, 2009, p. 68).

Nos relatos, os entrevistados relacionaram seus lugares de origem com três termos: tranquilidade, segurança alimentar e autonomia. No caso da população deslocada, 6 dos 9 participantes mencionaram que se mudaram de um bairro a outro antes de praticar agricultura urbana. Isso permitiu a pesquisadora relacionar as hortas urbanas com o significado de “ter estabilidade” (CANTOR, 2009, p. 70). A estabilidade deriva, em parte, da renda, dado que metade dos agricultores(as) urbanos(as) vendem os produtos de suas

hortas; também respaldasse em aspectos simbólicos, pois a AUP ajudou à população deslocada a criar redes sociais, a manter viva a identidade camponesa e a resistir à hostilidade da vida urbana.

Vargas e Ruiz (2015), que também fizeram uma pesquisa no distrito *Ciudad Bolívar*, descreveram a resiliência social e as economias alternativas presentes na rede de hortas do bairro *Altos de la Estancia*, por meio de um estudo de caso. As pesquisadoras acompanharam durante cinco meses o desenho coletivo da rede, e com observação participante e entrevistas semi-estruturadas identificaram moradores interessados em praticar ou fortalecer a agricultura urbana.

Durante o século XX *Altos de la Estancia* sofreu um processo intenso de desmatamento e extração de minérios, bem como uma urbanização caótica por parte da população rural do país que fugia da violência interna. Nesse bairro a urbanização deu-se em duas fases: a primeira na década de 1940, e a segunda nos anos 1990. Os espaços ocupados eram de alto risco socioambiental para sua população, dado que os terrenos apresentavam ameaça de deslizamento de terra (VARGAS; RUIZ, 2015).

Mesmo em condições de solo seco para semear, no bairro *Altos de la Estancia* articulou-se uma rede de 10 hortas urbanas, que produzem frutas, vegetais e hortaliças, destinadas para autoconsumo e para mercados solidários (VARGAS; RUIZ, 2015, p. 67). Destas, cinco hortas foram criadas por gestão da comunidade, duas já estavam em funcionamento desde antes de 2009 e as demais foram implementadas com auxílio do *Jardín Botánico de Bogotá José Celestino Mutis*, instituição da prefeitura da cidade que promove e apoia a formação de hortas.

Em seus resultados, Vargas e Ruiz (2015) assinalaram que parte dos agricultores urbanos da rede haviam sido vítima do conflito armado ou integraram algum grupo armado, mas que por questões de segurança das famílias não abordaram com profundidade esse tema. Explicaram que apesar das diferenças culturais e das especificidades históricas da ocupação do bairro, por meio da rede de hortas urbanas a comunidade conseguiu organizar-se (com sua produção) e fazer a autogestão (articulando-se para vender diretamente em mercados), ou seja, a agricultura urbana converteu-se “en una forma de emprendimiento comunitario para el desarrollo local (VARGAS; RUIZ, 2015, p. 83).

Caquimbo, Ceballos e López (2017) relataram uma pesquisa ação-participativa, sob a perspectiva do direito à cidade, na revitalização de um parque no bairro Caracolí.

Esse território fica na periferia de *Ciudad Bolívar* e foi urbanizado informalmente, por uma parcela da população vítima do conflito e por pessoas que no passado integraram grupos armados ilegais.

As autoras caracterizaram o bairro pela má qualidade das moradias e a carência de espaços públicos, colocando em questão quais opções teriam os moradores de bairros populares de reivindicar seu direito à cidade, que lhes permitissem ter uma vida digna (CAQUIMBO; CEBALLOS; LÓPEZ, 2017). Por meio da revitalização do parque do bairro Caracolí, com participação da comunidade e de estudantes da faculdade de Arquitetura e Urbanismo da *Pontificia Universidad Javeriana*, demonstraram que gerou-se um tecido social e apropriação do espaço urbano.

Apesar da pesquisa não ter como eixo central a agricultura urbana, as pesquisadoras identificaram o projeto do coletivo costa-riquenho “Pausa Urbana”, que tinha desenvolvido uma horta com os habitantes do bairro, sendo essa referida pelos moradores como uma oportunidade para ter alimentos para o autoconsumo e para ter vegetação no bairro (CAQUIMBO; CEBALLOS; LÓPEZ, 2017).

Outra pesquisa que abordou a região de Ciudad Bolívar foi realizada por Maldonado (2016), que apresentou os resultados da análise da implementação do Decreto 255 de 2013, relativo ao reassentamento – por vulnerabilidades socioambientais – das famílias que moravam junto ao riacho *Lima Brazo Derecho* e que tinham ocupado os terrenos há décadas. O processo de reassentamento precisou deslocar pessoas dos bairros Mirador Nutibara, Villa Gloria, San Rafael, Nueva Colombia e Juan Pablo Segundo.

Os bairros foram urbanizados por camponeses que migraram a Bogotá, vítimas do conflito e/ou ex-integrantes de grupos armados ilegais. A comunidade que conseguiu organizar-se percebeu as ações do Decreto 255 de 2013 como um segundo processo de deslocamento, não mais rural-urbano, agora intraurbano.

A AUP não era o foco principal da pesquisa, mas apareceu no discurso das comunidades que tinham desenvolvido hortas urbanas, assinalando que ajudava a evitar que a juventude se envolvesse com problemas sociais – como consumo de substâncias psicoativas –, assim como auxiliava na recuperação ambiental dos bairros periféricos e no empoderamento da comunidade (MALDONADO, 2016, p. 48). Um desses bairros foi *Nueva Colombia*, apresentado na figura 2.

**Figura 2.** Bairro Nueva Colombia, distrito Ciudad Bolívar



**Fonte:** Os autores, 2020.

Outro cenário do sudoeste de Bogotá relacionado à AUP foi referenciado por Vargas (2016) no distrito Bosa. Em 2019 o distrito contava com uma população de 776.363 habitantes, dos quais 68,9% estavam inscritos na base de dados que identifica possíveis beneficiários de auxílios sociais na Colômbia, conhecido como Sisben (SDH, 2019), o que permite inferir a vulnerabilidade socioeconômica da população.

Baseada em uma pesquisa qualitativa – observação participante e entrevistas semiestruturadas –, Vargas (2016) procurou identificar as estruturas sociais da organização comunitária das hortas de Bosa, numa amostra de 20 espaços de cultivo que foram implementados pela organização *Semillas Vida y Paz* (Semisvipaz). Vargas (2016) caracterizou dois tipos de relações sociais: as de primeiro nível (familiaridade e vizinhança), e as de segundo nível ou tramas vinculares, que permitem a articulação da comunidade com organizações, instituições, faculdades, entre outros.

A pesquisadora identificou também práticas de reciprocidade (ajuda mútua e transmissão de saberes), assim como relações de solidariedade entre os(as) agricultores(as) urbanos(as), facilitando a formação de vínculos afetivos. Afirmou que:

Las personas involucradas en este proceso manifiestan cambios en los modelos cognitivos, puesto que experimentan una re-significación y una re-interpretación de la realidad de su territorio y el futuro de este. Encuentran nuevas posibilidades de acción individual y comunitaria, que les permiten evaluar sus capacidades como actores sociales y las posibles intervenciones sobre las problemáticas que les afectan. (VARGAS, 2016, p. 93).

Vargas (2016) concluiu que há três fatores que auxiliaram a organização comunitária: 1) a existência de relações de reciprocidade; 2) a oportunidade de mudanças e transformação dos atores sociais; e 3) a promoção de capacidade de autogestão comunitária.

### **Tecido social na região sudeste**

De acordo com Gomez-Lee e Burq (2018), que realizaram uma pesquisa no distrito *San Cristóbal* (região sudeste), no bairro *Ciudadela Santa Rosa*, ocupado nos anos 1990 por pessoas vítimas do conflito armado, mas também ex-integrantes de guerrilhas e de grupos paramilitares, por meio de um programa de reinserção à vida civil do governo nacional. Segundo os pesquisadores, no bairro foram construídas casas para 300 famílias, mas o projeto foi executado com irregularidades, gerando habitações com problemas estruturais, e várias das casas entregues à população foram evacuadas. Nos anos 2000, uma média de 180 famílias foram deslocadas da região do pacífico da Colômbia (oeste da Colômbia) para o bairro, ocupando as casas abandonadas, o que gerou um conflito com a vizinhança que já habitava o local.

A pesquisa centrou-se em estudar a capacidade de agência e mobilização da organização solidária internacional *Proyectar sin fronteras* (PSF), para promover a autogestão de soluções que permitissem melhorias nas condições de vida da comunidade (GOMEZ-LEE; BURQ, 2018). As hortas urbanas foram projetadas para ajudar com a segurança alimentar das famílias. Entre 2012 e 2018, o projeto havia capacitado 1.000 pessoas e 50 famílias haviam instalado uma horta junto à sua casa. No entanto, pela mobilidade constante das famílias que saíam e chegavam no bairro, em 2018 estavam em funcionamento 35 hortas.

Na descrição dos pesquisadores, os moradores não tinham um senso de pertencimento ao bairro *Ciudadela Santa Rosa*; eles continuavam identificando-se com os locais onde nasceram ou viviam, principalmente territórios rurais (GOMEZ-LEE; BURQ, 2018). Em decorrência do conflito territorial existente, a agricultura urbana não foi um espaço para tecer vínculos sociais e redes entre a vizinhança (*ibid.* 2018).

Cañón e Amaya (2016) usaram um enfoque misto de pesquisa (questionário não probabilístico e entrevistas) para analisar o uso de recursos naturais (terra, água, compostagem, etc.) em 10 experiências de agricultura urbana, em quatro bairros do

distrito *San Cristóbal* (*Sociago, 20 de Julio, San Blas e La Gloria*). Os agricultores e as agricultoras urbanas que participaram da pesquisa já tinham experiência de mais de 5 anos cultivando em hortas na cidade, alguns vinham do campo e contavam com capacitações por parte do governo local (CAÑÓN; AMAYA, 2016).

Os pesquisadores destacaram o encontro de saberes tradicionais ou empíricos, que os agricultores traziam do meio rural e mobilizavam no espaço urbano, com os conhecimentos técnicos transmitidos por instituições como o *Jardín Botánico de Bogotá*, inclusive relatados pelos participantes da pesquisa: “hubo intercambio de saberes porque ellos (técnicos del Jardín Botánico) traían una tecnología, nosotros hacemos otra porque nosotros los campesinos tenemos muchos saberes” (CAÑÓN; AMAYA, 2016, p. 29). Assim, os pesquisadores assinalaram que na agricultura urbana vivenciou-se um processo de troca de saberes e “un ejercicio colaborativo y comunitario” (CAÑÓN; AMAYA, 2016, p. 29).

A agricultura urbana praticada era praticamente orgânica e os alimentos eram produzidos principalmente para autoconsumo. Só uma das experiências produzia excedentes para a venda em mercados locais.

### **A agricultura urbana nas bordas do leste e noroeste de Bogotá**

O relevo do leste de Bogotá está definido pela cadeia de montanhas conhecida como Cerros Orientales onde ficam, entre outros, os bairros de periferia *El Paraíso* e *Villa del Cerro*. Fracasso; González e Cabanzo (2018) pesquisaram o patrimônio cultural em hábitat populares, a partir de duas hortas comunitárias, sob pretexto que “lo patrimoniable es el valor que los habitantes de un lugar atribuyen, por varias razones, a bienes materiales, manifestaciones culturales inmateriales o bienes naturales del propio entorno” (FRACASSO; GONZÁLEZ; CABANZO, 2018, p. 2).

A pesquisa, que utilizou a metodologia baseada em práticas artísticas (*arts-based research*), obtendo dados junto às comunidades em oficinas de pesquisa-criação, revelou que, em 2012, no bairro *Villa del Cerro* havia sido criada a horta *Del Mirador*, por um grupo de jovens – alguns deles foram moradores de rua –. O grupo contava com o apoio dos habitantes do bairro, que coletavam seus resíduos orgânicos e entregavam aos jovens para fazer compostagem, com o objetivo de produzir alimentos sem químicos, beneficiando ao menos 70 famílias (FRACASSO; GONZÁLEZ; CABANZO, 2018).

No bairro *El Paraíso* localizava-se a horta *Huya Huanga*, organizada pelo *Comité histórico territorial Paraíso* (Cohitepa). Era um espaço onde as pessoas jogavam lixo, acumulando resíduos, assim como poluindo o riacho *El Chulo*, que ficava próximo. A iniciativa foi organizada por uma moradora e estudante de Sociologia, tendo o apoio de pessoas que viveram no campo. Os participantes realizavam oficinas para aprender práticas de compostagem e cultivo em áreas urbanas (FRACASSO; GONZÁLEZ; CABANZO, 2018).

Entre as manifestações culturais presentes nas hortas, os autores destacaram o trabalho solidário e coletivo, referindo-se a ele como *Minga* (trabalho coletivo de comunidades indígenas dos Andes e característico do meio rural), mas vivenciado no contexto de periferia urbana, na autogestão dos dois bairros. Ressaltaram como patrimônio no hábitat popular a criação e manutenção de valores como a solidariedade, a articulação social, a autonomia e a diversidade. Fracasso; González; Cabanzo (2018, p. 15) concluíram que:

Las dos huertas sugieren una alternativa local a la lógica capitalista, por la subjetividad social y política que caracteriza el proceso y por el valor simbólico del desprendimiento, reciprocidad, valores equitativos y armónicos de reorganización de la vida comunitaria, que entran a hacer parte de una visión postcapitalista.

No extremo noroeste de Bogotá, no distrito *Suba*, nas *Unidades de Planeamiento Zonal* (divisão administrativa que agrupa vários bairros) *Tibabuyes* e *Rincón*, a publicação de Mosquera (2009) abordou seis organizações ou grupos comunitários dedicados à agricultura urbana, que reúnem 116 pessoas, principalmente de origem camponesa. A pesquisa, de cunho qualitativo, analisou os efeitos socioeconômicos e ambientais da AUP. Foi realizada em 2009, cinco anos após o governo local criar um projeto para a promoção da agricultura urbana em Bogotá (ano 2004), no entanto, o pesquisador evidenciou que a AUP praticada pela população antecedia esse projeto. Os resultados apontaram que as hortas urbanas ajudaram a tecer redes de apoio e vizinhança entre a população que migrou para a cidade, dado que, segundo entrevistas, nos seus locais de origem as relações eram baseadas na solidariedade, e na cidade esse vínculo se fragilizou.

### **O cultivo urbano em Bogotá**

Rodríguez (2017) divulgou os resultados de uma pesquisa que realizou em 17 dos 20 distritos de Bogotá. O pesquisador buscou identificar os componentes simbólicos, estrutura social e tecnologias utilizadas na AUP, com o objetivo de determinar as percepções e imaginários de 96 agricultores(as) – vítimas do conflito, camponeses e cidadãos dedicados ao cultivo–, sobre a sua atividade em Bogotá.

Coletou as informações através de questionários e as aprofundou com 25 entrevistas semiestruturadas. Utilizou o método Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), com o qual relacionou a população entre estratos (grupo socioeconômico) 1 e 2, que são de baixa renda, e os de estrato 3 e 4 (renda média). Para esses estratos, na percepção dos agricultores urbanos, semear na cidade permite reconstruir as relações quebradas pelos processos de migração forçada (87 por cento do primeiro grupo e 89 por cento do segundo grupo).

A pesquisa revelou, ainda, que a maioria das pessoas que cultivam na cidade são mulheres e por meio da AUP mantiveram conexão com a identidade camponesa, avivando suas memórias. A prática também facilitou a criação de vínculos solidários, especialmente com outros(as) agricultores(as) urbanos(as) da cidade (RODRÍGUEZ, 2017).

Por sua vez, a pesquisa de Torres (2018), com vítimas do conflito armado, usou um enfoque misto para analisar o potencial da agricultura urbana no sustento dessa população, propondo o cultivo do fruto cítrico lulo (*Solanum quitoense*) na cidade. A pesquisa foi dividida em duas partes: um diagnóstico da população, com questionários aplicados numa amostra de 103 pessoas, evidenciando que 18% dessas realizavam agricultura urbana em Bogotá e 50% não cultivava por falta de apoio governamental ou de um espaço no local de moradia. Depois, avaliou a importância da AUP na melhora da qualidade de vida da população vítima do conflito armado, concluindo que o cultivo mostrou-se de grande importância para o fortalecimento de vínculos sociais, recuperação de memória e restabelecimento de direitos para essa população.

Pinilla *et al.* (2018) trabalharam o mapeamento coletivo a partir da plataforma online AgroEcoBogotá, que permite georreferenciar e disponibilizar informações sobre hortas em Bogotá. Os autores pontuaram que os espaços de cultivo contribuem para a subsistência das famílias –em especial as de baixa renda – e, no longo prazo, se transformam em espaços de empoderamento dos cidadãos (PINILLA *et al.*, 2018).

O objetivo da AgroEcoBogotá foi visibilizar “os grupos que tem sido afetados por conflitos territoriais e que com frequência não são visíveis nos mapas convencionais”<sup>2</sup> (PINILLA *et al.*, 2018, p. 408). O Projeto propiciou conectar os agricultores urbanos no e entre bairros, promovendo redes solidárias, dado que eles não só migraram à cidade com conhecimento de cultivos, mas também com saberes sobre sementes crioulas e receitas de cozinha tradicional, que são valorizadas no espaço urbano (PINILLA *et al.*, 2018).

Um dos mapeamentos coletivos foi feito no bairro de periferia urbana *San Luis* (norte de Bogotá), ao lado do distrito Chapinero, local em que reside população de alta renda. Em contraste, *San Luis* foi formado por pessoas que migraram em decorrência da violência socioeconômica vivida na ruralidade. No bairro fica o espaço agroecológico *Casa Taller Las Moyas*, que promove as mingas (trabalho coletivo de comunidades indígenas dos Andes), e as reuniões do grupo ‘Guardianes de semillas’, grupo de mulheres que promove a manutenção e propagação de sementes crioulas.

Os pesquisadores concluíram que a plataforma AgroEcoBogotá é uma ferramenta que permite a integração das pessoas que se dedicam à agricultura urbana e visibiliza iniciativas cidadãs, enquanto uma prática política. Para além da plataforma, destacaram a importância da AUP para integrar à população vítima do conflito armado e camponeses que migraram para Bogotá.

### **AUP, segurança e soberania alimentar**

Entre as pesquisas que abordaram o tema segurança e a soberania alimentar vale destacar a de Jiménez (2016), que tomou como referência o distrito Teusaquillo – no centro da cidade e habitado por pessoas com renda média –. Através da observação participante, atuou no coletivo *ECO sembrando barrio*, uma experiência que trabalha com educação ambiental para o resgate de saberes ancestrais e o uso de sementes crioulas na AUP para promover a soberania alimentar.

Em 2016 conformavam este grupo 10 pessoas que apoiaram, com oficinas, a criação de mais de 50 hortas orgânicas na cidade, principalmente em escolas. A atividade do coletivo promoveu a formação de tecido social e a propagação de sementes crioulas.

---

<sup>2</sup> “The intention is to give greater public visibility to groups who have been affected by territorial conflicts which often are not visible in the conventional maps” (PINILLA *et al.*, 2018, p. 408).

Segundo Jiménez (2016), o grupo recuperou e acionou saberes ancestrais para cultivar, e mobilizava-se pela criação de espaços de comércio justo.

Na sua vez, Campos (2015) abordou o movimento La Via Campesina, que organiza os mercados de camponeses na cidade, e o Grupo Semilla, que defende a produção de sementes crioulas e nativas. A abordagem se fez pela teoria do empoderamento de atores sociais, pesquisa qualitativa que foi realizada por meio de revisão bibliográfica e entrevistas a líderes dos dois movimentos.

Entre os resultados destacou a diferença entre os termos segurança alimentar, inerente a uma política neoliberal, e o de soberania alimentar, que surge a partir dos movimentos de camponeses, na sua luta por autonomia (CAMPOS, 2015). Reconheceu que através da valorização de sementes nativas e via organização de mercados sem intermediários “se refuerza la identidad y se ve condensado el concepto de soberanía alimentaria y les permite ser conscientes y valorar su riqueza cultural” (CAMPOS, 2015, p. 53).

Também tratando da segurança e soberania alimentar, Mosquera (2017) analisou o discurso de três planos de ações do governo da prefeitura de Bogotá (2004-2007, 2008-2011, 2012-2015), argumentando que estes apresentam vontade política para a redução da fome e a desnutrição, buscando garantir o direito à alimentação. No entanto, os planos foram concebidos sob o conceito de segurança alimentar (garantir alimentação), mas não à soberania alimentar, conceito que é mobilizado pelos movimentos sociais relacionados ao acesso à terra, aos espaços de cultivo, à água, à alimentação sem químicos, e ao uso e recuperação de sementes crioulas, entre outros.

Reverendo os três planos de governo, Mosquera (2017) destacou que desde 2004 se institucionalizou o programa de promoção da agricultura urbana e periurbana, com o propósito de fomentar os cultivos e garantir a segurança alimentar. Considerou que, ainda que fosse um avanço, e a essência do projeto se manteve até 2015, não envolveu na discussão outros atores sociais, nem teve uma proposta diferencial para abordar camponeses e/ou vítimas do conflito armado que migraram para a cidade.

### **Considerações Finais**

Com base na revisão de literatura sobre agricultura urbana e periurbana (AUP) em Bogotá foi possível inferir que as pesquisas abordaram três temas principais: 1) a

estrutura simbólica, o impacto social da AUP ou o empoderamento civil ao redor da AUP (VARGAS; RUIZ, 2015; MOSQUERA, 2009; GÓMEZ-LEE; BURQ, 2018; RODRÍGUEZ, 2017; VARGAS, 2016; PINILLA *et al.*, 2018); 2) o manejo e os recursos naturais da AUP articulados com a sustentabilidade, ou seu papel no direito à cidade (TORRES, 2018; MALDONADO, 2016; CANTOR, 2009; CAÑÓN; MAYA, 2016; CAQUIMBO *et al.*, 2017); e 3) a relação da AUP com a soberania e a segurança alimentar (JIMÉNEZ, 2016; CAMPOS, 2015; MOSQUERA, 2017; FRACASSO; GONZÁLEZ; CABANZO, 2018).

A maior parte desses temas relacionam-se com a abordagem teórica sobre território discutida nesse artigo, a qual nos auxiliou entender como os fluxos migratórios entre os espaços rural-urbano marcaram a prática da agricultura urbana em Bogotá e permitiram a configuração de territórios. Essa configuração de territórios foi entendida como reterritorialização vivenciada pelas vítimas do conflito armado e camponeses que haviam se deslocado do meio rural, ou seja, vivenciado uma desterritorialização.

Identificou-se em 10 das 15 publicações que a população que migrou do meio rural e praticavam a agricultura urbana e periurbana localizava-se, principalmente, em bairros de periferia de Bogotá. Além disso, duas das publicações de maior amplitude em termos de espaço geográfico incluíram bairros da periferia, permitindo inferir uma relação entre os cultivos urbanos, os bairros da periferia e as populações que viveram uma mobilidade rural-urbana.

Nesses territórios, as hortas urbanas possibilitaram o encontro entre pessoas, a criação de vínculos sociais, o tecido de redes, para além do resgate de memórias, narrativas e saberes das comunidades originárias, sendo essa uma forma de territorialização. Também vale destacar os espaços urbanos como promotores de “ter estabilidade”, especialmente pelos agricultores urbanos que vivenciaram vários deslocamentos internos em Bogotá, dado que o espaço para semear permitiu também a formação de redes sociais entre os(as) agricultores(as) ou deles(as) com a vizinhança, permitindo a reconstrução de vínculos solidários, que os(as) agricultores(as) urbanos(as) referenciaram como uma lembrança da ruralidade.

Os processos de migração do meio rural para o espaço urbano não significaram uma ruptura com as raízes rurais das populações que o vivenciaram; pelo contrário, evidenciam que essas populações transformam o espaço urbano na imagem de suas lembranças, reterritorializando. O processo de mobilidade espacial, para o caso rural-

urbana, não significa só o deslocamento de populações. Incluem, também, o fluxo de memórias, representações, costumes, vínculos, que circulam e mantêm-se no processo de desterritorialização-reterritorialização através da reconfiguração de territórios-rede.

A revisão bibliográfica de publicações acadêmicas sobre Bogotá também ressalta que a prática da agricultura urbana e periurbana, sobretudo em bairros de periferia propícia as organizações comunitárias, para além das práticas de autogestão, e principalmente contribuem com a soberania alimentar.

As hortas urbanas, que acompanharam a construção dos bairros informais, envolvem: o trabalho coletivo voluntário conhecido como a *Minga* dos indígenas dos Andes; a transmissão de saberes; o resgate de sementes crioulas e receitas ancestrais; e a partilha e intercâmbio de alimentos entre agricultores. Ou seja, permitem observar como a agricultura urbana articula as reciprocidades em territórios de resistência em convivência às dinâmicas utilitaristas do princípio da troca.

Finalmente, a prática agrícola em Bogotá não estão relacionada à promoção de relações mercantis, ao contrário, se estrutura em princípios de solidariedade (SINGER, 2002) e reciprocidade (SABOURIN, 2011; TEMPLE; CHABAL, 2013), que permite a criação e manutenção de relações de dádivas, valendo assim o aprofundamento dos estudos que correlacionam essas temáticas.

## REFERÊNCIAS

ALTA CONSEJERÍA PARA LOS DERECHOS DE LAS VÍCTIMAS. **Sistema Distrital de Asistencia, Atención y Reparación Integral a las Víctimas del Conflicto Armado Residentes en Bogotá (SDARIV)**. Plan de Acción Distrital Plurianual 2020 – 2024. Bogotá: Alta Consejería para los Derechos de las Víctimas, la Paz y la Reconciliación, 2020.

BEUF, Alice. De las luchas urbanas a las grandes inversiones: La nueva urbanidad periférica en Bogotá. *Bulletin de l'Institut français d'études andines* [Em línea], 41 (3), p. 473-501, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/bifea/344>. Acesso em: 20 set. 2020.

BUSHNELL, David. **Colombia, una nación a pesar de sí misma**. Bogotá: Editorial Planeta. 1996.

CAMPOS, Carolina. **Empoderamiento campesino y soberanía alimentaria en Colombia: la defensa de las semillas y los mercados campesinos**. 2015. Dissertação (Maestría en Estudios Latinoamericanos) - Universidad de Leiden, Leiden, 2015. Disponível em: <https://studenttheses.universiteitleiden.nl/handle/1887/32054>. Acesso em: 15 set. 2019.

CANTOR, Kelly. **Agricultura urbana sostenibilidad y medios de vida: Experiencias en Ciudad Bolívar, Altos de Cazucá y Ciudadela Sucre.** 2009. Dissertação (Maestría en Desarrollo Rural) - Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá. Disponível em: <https://repository.javeriana.edu.co/handle/10554/665>. Acesso em: 8 ago. 2019.

CAÑÓN, Luis; AMAYA, Gloria. **Uso de los recursos naturales en los espacios destinados para la agricultura urbana en la localidad de San Cristóbal de la ciudad de Bogotá D.C.** 2016. Dissertação (Maestría en Desarrollo Sostenible y Medio Ambiente) - Universidad de Manizales, Manizales. Disponível em: <https://ridum.umanizales.edu.co/xmlui/handle/20.500.12746/3001>. Acesso em: 27 jul. 2019.

CAQUIMBO, Sandra; CEBALLOS, Olga; LÓPEZ, Cecilia. Espacio público, periferia urbana y derecho a la ciudad. Intervención Parque Caracolí, Ciudad Bolívar. **Revista Invi**, Santiago de Chile, v. 32, n. 89, p. 113-143, maio, 2017. Disponível em: <http://revistainvi.uchile.cl/index.php/INVI/article/view/1035>. Acesso em: 03 ago. 2019.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS (DANE). **Censo Nacional de población y viviendas 2018.** Bogotá, 2018. Disponível em: <https://sitios.dane.gov.co/cnpv/#/>. Acesso em: 22 jul. 2019.

FRACASSO, Liliana; GONZÁLEZ, Yanine; CABANZO, Francisco. “Saucó, Eucalipto y Metro”: Ancestros y sustentos desde las huertas de los Cerros Orientales de Bogotá. *In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA*, 15, 2018, Barcelona. **Anal de evento.** Barcelona: Universitat de Barcelona, 2018. p. 1-25. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/Sociedad-postcapitalista/FracassoGonzalez.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

GÓMEZ-LEE, Martha; BURQ, Louise. Santa Rosa siembra un sistema alimentario sano y sostenible en Bogotá. *In: NAIL, Sylvie (ed.). Alimentar las ciudades.* Territorios, actores, relaciones. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2018. p. 211-249.

HAESBAERT, Rogerio. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. *In: HEIDRICH, Álvaro et al. (Org.). A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço.* 1.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 19-36B. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>.

\_\_\_\_\_. **O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JIMÉNEZ, Nathaly. La Nueva Independencia: De la Huerta Urbana a la Autonomía Alimentaria. *In: COTTYN, Hanne et al. (Orgs.). Las Luchas Sociales por la Tierra en América Latina: Un Análisis Histórico, Comparativo y Global.* 1. ed. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2016. p. 135-140.

MALDONADO, Néstor. **Estudio de los reasentamientos de Ciudad Bolívar (Bogotá) y la problemática de la aplicación del Decreto 255 de 2013.** 2016. Dissertação (Maestría en Intervención Social en las Sociedades del Conocimiento) - Universidad

Internacional de La Rioja, La Rioja. Disponível em:  
<https://reunir.unir.net/handle/123456789/4855>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MOSQUERA, Edna. **Seguridad y Soberanía Alimentaria en Bogotá D.C. (2004-2015)**. 2017. Dissertação (Maestría en Análisis de Problemas Políticos, Económicos e Internacionales Contemporáneos) - Universidad Externado de Colombia, Bogotá. Disponível em: <https://bdigital.uexternado.edu.co/handle/001/946>. Acesso em: 15 set. 2019.

MOSQUERA, Jackson. **Efectos Socioeconómicos y Ambientales de la Agricultura Urbana Caso: Unidades de Planeamiento Zonal (Upzs) de Rincón y Tibabuyes, localidad de Suba, Bogotá, D.C.** 2009. Dissertação (Maestría en Gestión Ambiental) - Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá. Disponível em: <https://repository.javeriana.edu.co/handle/10554/744>. Acesso em: 15 set. 2019.

MOUGEOT, Luc. **Urban Agriculture: Definition, Presence, Potentials and Risks, and Policy Challenges**. Ottawa: International Development Research Centre (IDRC), 2000.

PINILLA, Kharen et al. Mapping the Agrodiversity in Bogotá - The Platform Mapeo Agroecobogotá. **Int. J. of Design & Nature and Ecodynamics**. v. 13, n. 4. p. 407-414, 2018. Disponível em: <https://www.witpress.com/elibrary/dne-volumes/13/4/2351>. Acesso em: 6 jul. 2019.

RANDOLPH, Justus. A Guide to Writing the Dissertation Literature Review. **Practical Assessment, Research & Evaluation**. vol. 14 (13). 2009. Disponível em: <https://scholarworks.umass.edu/pare/vol14/iss1/13/>. Acesso em: 19 jul. 2019.

RODRÍGUEZ, Diego. **Agricultura Urbana en Bogotá: aporte para el cambio cultural**. 2017. 165 f. Dissertação (Maestría en Medio Ambiente y Desarrollo) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2017. Disponível em: <https://docplayer.es/57533565-Agricultura-urbana-en-bogota-aporte-para-el-cambio-cultural-diego-ricardo-rodriguez-pava.html>. Acesso em: 10 jul. 2019.

RUIZ, Nubia. **El desplazamiento forzado en el interior de Colombia: Caracterización Sociodemográfica y pautas de distribución territorial 2000-2004**. 2007. 381 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona. Disponível em: <https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/4975/nyrr1de1.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SABOURIN, Eric. **Sociedades e organizações camponesas: uma leitura através da reciprocidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por una abordagem Territorial. *In*: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu (Org.). **Territórios e territorialidades**: teorías, procesos e conflictos. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. v. 1.500. p. 73-93.

SECRETARÍA DISTRITAL DE HÁBITAT (SDH). **Bosa en Cifras**. Bogotá, 2019. Disponível em: <http://habitatencifras.habitatbogota.gov.co/documentos/boletines/Localidades/Bosa.pdf>. Acesso em 4 set. 2020.

SECRETARÍA DISTRITAL DE PLANEACIÓN (SDP). **Proceso de Revisión del Plan de Ordenamiento Territorial de Bogotá D. C.** Tomo: Población, Consumo de Suelo y Modelo de Ocupación Territorial. Bogotá: 2020. Disponível em: [http://www.sdp.gov.co/sites/default/files/tomo\\_3.\\_poblacion-mot\\_pot\\_2020.pdf](http://www.sdp.gov.co/sites/default/files/tomo_3._poblacion-mot_pot_2020.pdf). Acesso em: 7 out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Conociendo la localidad de Ciudad Bolívar**: Diagnóstico de los aspectos físicos, demográficos y socioeconómicos. Bogotá: SDP. 2009a. Disponível em: <http://www.sdp.gov.co/sites/default/files/documentos/19%20Localidad%20de%20Ciudad%20Bol%C3%ADvar.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

SERJE, Margarita. **El revés de la nación**: territorios salvajes, fronteras y tierras de nadie. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2011.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2002.

SMIT, Jac; RATTI, Annu; NASR, Joe. **Urban Agriculture: Food, Jobs and Sustainable Cities**. New York: United Nations Development Program (UNDP), 1996. (Publication Series for Habitat II).

TEMPLE, Dominique; CHABAL, Mireille. **La reciprocidad y el nacimiento de los valores humanos**. Tomo I. La Paz: Padep, 2003.

TORRES, Carlos. (Comp.). **Ciudad informal colombiana**: Barrios construidos por la gente. Grupo de Investigación Procesos Urbanos en Hábitat, Vivienda e Informalidad. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2009.

TORRES, Diana. **Inclusión de la Agricultura Urbana Sostenible en Bogotá dentro del Posacuerdo Colombiano**. Estudio de Caso: Ensayo de producción técnica de lulo a escala urbana. 2018, 236 f. Dissertação (Maestría en Desarrollo Sustentable y Gestión Ambiental) - Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Bogotá. Disponível em: <http://repository.udistrital.edu.co/handle/11349/13174>. Acesso em: 20 nov. 2019.

UNIDAD PARA LAS VÍCTIMAS. **Registro Único de Víctimas**. Colombia, 2019. Disponível em: <https://www.unidadvictimas.gov.co/es/registro-unico-de-victimas-ruv/37394>. Acesso em: 22 jul. 2019.

VARGAS, Diana; RUIZ Juan Carlos. Resiliencia y organización comunitaria: el caso de la red de huertas en los Altos de la Estancia, en la localidad de Ciudad Bolívar en

Bogotá. **Ciudad paz-ando**, Bogotá. vol. 8, n. 2, p. 65 – 85, 2015. Disponível em: <https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/cpaz/article/view/10289>. Acesso em: 20 jun. 2019.

VARGAS, Norma. **Ciudad Agrícola: Análisis Social de los Procesos de Agricultura Urbana, Caso Localidad Bosa - Bogotá**. 2016. Dissertação (Maestría en Desarrollo Sostenible y Gestión Ambiental) - Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Bogotá. Disponível em: <http://repository.udistrital.edu.co/handle/11349/3383>. Acesso em: 20 nov. 2019.

Recebido em 19/11/2020. Aceito para publicação em 01/06/2021.
--